

**Actas**  
do  
**XIII Encontro Nacional**  
da  
**Associação Portuguesa de Linguística**

**Vol. I**

**Título** Actas do XIII Encontro Nacional da  
Associação Portuguesa de Linguística  
(Vol. I)  
**Organização** Maria Antónia Mota e Rita Marquilhas  
**Tratamento gráfico  
e paginação** Gonçalo Dias Pinheiro e Susana Agostinho  
**Execução gráfica** Colibri – Artes Gráficas  
**Depósito Legal n.º** 126 915/98  
**Tiragem** 500 exemplares  
**Lisboa** Setembro de 1998

Lisboa  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA  
1998

ica

'A,

ca:

ca:

to.

## Da variedade à invariância: *então*, um caso exemplar

OTÍLIA DA COSTA E SOUSA  
(Escola Superior de Educação de Lisboa)  
(Grupo "Gramática e Enunciação" - Universidade Nova de Lisboa)

### Resumo

No quadro da teoria formal enunciativa proponho-me analisar os diferentes empregos do marcador *então*. *Então* apresenta uma grande variedade de usos que não parece facilmente redutível, a priori, a uma caracterização estável e geral. Parto, contudo, da hipótese de que sob a extrema variabilidade de usos do marcador existe um quadro de invariância que permite unificar a heterogeneidade de sentidos assumida por *então* nos diferentes enunciados em que ocorre. Assim, a partir da análise de um conjunto de enunciados, que se pretende representativos dos diversos valores de *então* - valores aspectuo-temporais, nocionais e discursivos -, viso uma descrição precisa que mostre o que, num dado enunciado, releva do marcador em questão ou de efeitos contextuais.

A perspectiva que apresento, sobre o marcador *então*, permite identificar o que há de comum aos seus usos aspectuais, temporais, argumentativos, de estruturação conversacional (Lopes 1996), de estruturação narrativa.

### 1. Introdução

Esta comunicação é uma proposta de explicação sobre o funcionamento da forma *então*. *Então* aparece caracterizado como advérbio de tempo em Mateus et alia (1989) e em Cuesta & Luz (1988); em Cunha & Cintra (1991) é classificado como advérbio de tempo e "palavra denotativa de situação". Em Lopes (1971) é referido como marcador de valor aoristo (na acepção de pontual) e em Campos & Xavier (1991) é referido entre os adverbiais temporais anafóricos. Lopes (1996) caracteriza *então* como marcador temporal, argumentativo e de estruturação conversacional. Risso (1996) enfatiza o seu papel de

articulador discursivo. Afonso (1996), ao estudar a forma *então* em enunciados interrogativos, aponta-a como marcador de uma segunda ocorrência enunciativa.

Retomo a explicação por mim avançada num outro trabalho (Sousa 1996) de que *então* é um marcador<sup>1</sup> de uma operação de retoma anafórica. Esta é a operação geral estável que subjaz à disparidade de valores associáveis a *então*. O marcador retoma a localização do seu antecedente (que pode ser uma lexis, uma enunciação, um contexto situacional, um saber pré-construído) para localizar a lexis que introduz.

A extrema plasticidade do marcador *então* permite-lhe retomar a localização temporal, a localização nocional ou a localização discursiva do seu antecedente. Os diversos valores associados ao marcador são consequência de características dos enunciados em que ocorre, de características dos termos desses enunciados e das relações entre os termos, e, ainda, da posição do marcador no enunciado. Na relação de localização de que é marcador, *então* relaciona dois termos, por convenção, p e q: p é a variável do termo localizador (termo antecedente) e q é a variável do termo localizado (termo anafórico). Situo as minhas observações em dois planos: o plano dos enunciados e o plano das enunciações.

No plano dos enunciados *então* marca a seguinte relação p *então* q. A relação de localização entre p e q pode ser de natureza:

a) aspectuo- temporal

- (1) Marta apareceu tão leve como a sua lembrança. Percebi *então* que as mimosas rescendiam através da noite sem medo. (V. Ferreira, *Contos* pp10)  
 (2) «eu estava ali de mãos abertas e olhos dóceis, encostado a um tronco de pinheiro. Então ela contou dos patos que criara nessa primavera, das manhãs altas de sol, do pão que vira semear.» (idem)

b) nocional

- (3) tive medo que o meu pai me ralhasse *então* menti (Rodrigues 1994)  
 (4) se não pode mantê-lo *então* que o doc

c) aspectuo- temporal e nocional, simultaneamente

- (5) o João contou tudo à irmã. Sentiu-se, *então*, muito aliviado (Lopes 1996).

No plano das enunciações, *então* relaciona enunciações do seguinte modo Ep *então* Eq:

- (7) *então* que é que o professor te disse?  
 (6) *então* como vai isso?  
 (8) *então* até amanhã

(9) *então* hoje vamos ver como funciona um circuito (Rodrigues 1994)

(10) *então* essa bica sai ou não sai? (Sousa 1996)

- (11) A: não sei que fazer em Agosto.  
 B: *então* já não vais a Marrocos?

2. *Então* marcador aspectuo-temporal

Passo a analisar os enunciados em que *então* possui valor temporal<sup>2</sup> e aceita ser parafraseado por *nesse momento*.

Retomemos (1)

- (1) Marta apareceu tão leve como a sua lembrança. Percebi *então* que as mimosas rescendiam através da noite sem medo.

O marcador relaciona as lexis <Marta aparecer> e <perceber mimosas rescender>. A relação operada por *então* é de ordem temporal, isto é, *então* retoma o intervalo temporal associado a "Marta apareceu" para o tornar localizador do intervalo associado a "percebi que as mimosas". O operador *então*, ao retomar "Marta apareceu" para localizar "percebi que as mimosas rescendiam" fá-lo de um ponto de vista desligado, disjunto.

Sem a ocorrência de *então*, p e q seriam construídos, a priori, como independentes:

- (1)a. Marta apareceu tão leve como a sua lembrança. Percebi que as mimosas rescendiam através da noite sem medo.

Apareceu                      percebi  
 []                                      []

A presença de *então* marca que q é construído relativamente a p, ainda que numa relação de disjunção. Pelo facto de q retomar a localização temporal associada a p, relativiza p, redefinindo-o na relação:

Apareceu                      percebi  
 []                                      []  
 └──────────────────────────┘

Em

- (2) «eu estava ali de mãos abertas e olhos dóceis, encostado a um tronco de pinheiro. Então ela contou dos patos que criara nessa primavera, das manhãs altas de sol, do pão que vira semear.»

*então* marca, igualmente, uma retoma da localização temporal de p "eu estava ali de mão abertas e olhos dóceis, encostado a um tronco de pinheiro" para localizar q "ela contou...". *Então* retoma as coordenadas temporais da lexis que o antecede e localiza a lexis que se lhe segue. A localização de q relativamente a p é conexa e, simultaneamente, disjunta: é conexa porque se encontra localizado relativamente a p, e disjunta porque o intervalo associado a q é diferente do intervalo associado a p.

Do ponto de vista aspectual, a situação de p é imperfectiva (sendo o marcador de imperfectividade o pretérito imperfecto). *Então* ao retomar um intervalo aberto, vai delimitá-lo pela retoma e relação com q. Ao marcar a construção de uma nova situação<sup>3</sup>, redefine a situação que retoma globalmente, tornando-a compacta. Concluindo, a forma em análise possui um importante papel aspectual. Ao retomar o antecedente delimita-o e compactiza-o<sup>4</sup>.

Da descrição efectuada de *então* nos exemplos (1) e (2), sobressai a sua função de conector e disjuntor. Estas funções não são equiponderantes. Assim, quando o conector relaciona duas situações perfectivas sobressai o seu valor de conector, quando relaciona duas situações imperfectivas ou imperfectiva/perfectiva sobressai a sua função de disjuntor.

### 3. *Então* marcador nocional

Nos enunciados (3) e (4) que passarei a analisar, *então*, parafraseável por *por isso*, *nesse caso*, tem valor exclusivamente nocional.

(3) tive medo que o meu pai me ralhasse então menti

(4) se não pode mantê-lo então que o doe

Em (3) e (4), *então* é marcador de uma operação de localização nocional, isto é, retoma o quadro nocional de p "ter medo" e "não poder manter" para localizar q "mentir" e "doar", respectivamente. A sua natureza anafórica permite-lhe retomar a localização nocional de p de dois modos:

- Sendo o quadro nocional de p apresentado como a causa do de q: há p *então* há q (porque há p, há q): *tive medo que meu pai me ralhasse então menti*,

- limitando a validação de q ao quadro nocional definido em p: se há p *então* há q (se há p nesse caso há q): *se não pode mantê-lo então que o doe*.

A operação é a mesma: retoma anafórica da localização nocional de p. A diferença advém do estatuto de p: construído como factual em (3) e como fictício em (4) (*se é* marcador de asserção fictícia (Culioli 1990:132)).

É, precisamente, a natureza anafórica do marcador que inviabiliza a sua ocorrência em enunciados condicionais de tipo austiniano:

(12) \*se tens sede *então* há cerveja no frigorífico

Nesta sequência, a prótase - se p - introduz como hipótese p, lexis validada, que fornece a validação da lexis q introduzida na apódose (Campos 1989:160). Sendo p construído como hipotético, e retomando *então* p para o constituir como localizador de q, este tem que ser, igualmente, construído como hipotético. A impossibilidade de q ser construído como factual advém do facto de a lexis localizadora ser não factual. Por outras palavras, a partir de uma lexis não factual, não se poderá construir uma lexis factual. É impossível termos a construção de uma asserção *há cerveja no frigorífico*, a partir da localização de um enunciado hipotético *se tens sede*. Sem a ocorrência da forma *então* deixa de haver problema, pois a asserção deixa de ser localizada a partir da hipótese:

(12) a. se tens sede, há cerveja no frigorífico.

A impossibilidade da ocorrência do marcador em enunciados deste tipo, atesta bem a sua natureza anafórica.

### 4. *Então* aspectuo-temporal/ nocional

Muitas vezes, *então* marca uma dupla localização de q em relação a p. Atentemos em (5):

(5) o João contou tudo à irmã. Sentiu-se, então, muito aliviado (Lopes 1996).

Em (5), p serve de localizador temporal e de localizador nocional a q. Serve de localizador temporal, porque, não possuindo q um localizador temporal, *então* retoma as coordenadas temporais de p para localizar q. Serve de localizador nocional, porque p fornece o quadro nocional para a validação de q. A relação nocional é construída como tal intra-textualmente.

A relação nocional, como tal, é tributária ou das relações primitivas interlexis ou de relações construídas intra-textualmente.

Além das relações primitivas interlexis e das relações construídas intra-textualmente, para que possa haver relação causal é necessário ter em conta as características aspectuo-temporais das situações em relação (Sousa 1996, capítulos II e III).

### 5. *Então* marcador discursivo

Na oralidade, *então* surge, muitas vezes, como sinal de abertura a uma conversa, a uma aula, a uma declaração. Enquanto marcador discursivo, *então* marca uma relação entre duas enunciações, entre um contexto situacional e uma enunciação ou entre um saber pré-construído e uma enunciação. Frequentemente, o termo antecedente é do domínio do pré-construído:

(6) *então*, como vai isso?

Neste enunciado, *então* marca a relação entre duas situações de enunciação: a presente e uma outra passada (pré-construída). *Então* retoma a última situação (o último encontro), para a partir dela construir a situação de enunciação actual. Mais uma vez, sobressai o seu papel de conector/disjuntor: marca a construção conexa de duas situações de enunciação disjuntas. Repare-se que se fosse um primeiro encontro soaria estranho a introdução de *então*.

Próximo do enunciado anterior, e também muito comum, é o uso de *então* para iniciar o discurso pedagógico:

(9) *então* hoje vamos ver como funciona um circuito

Neste enunciado, observamos a ocorrência de dois adverbiais: *hoje*, que serve de localizador temporal ao enunciado, e *então*, que marca a ligação entre uma situação de enunciação anterior (a última aula, o último tema) e a presente situação de enunciação. Este enunciado poder-se-ia parafrasear: a última vez falámos de x, hoje vamos falar de y.

*Então* retoma globalmente a última vez para marcar a construção, de forma ligada mas disjunta, a presente situação de enunciação. Não tendo valor temporal (*então* não aceita ser parafraseado por qualquer adverbial temporal), a disjunção é, nestes dois enunciados, de ordem temporal, ligada à passagem estabelecida por *então* entre a última vez e a situação de enunciação em curso. *Então* marca a passagem a uma nova etapa, construída a partir da etapa precedente (veremos mais adiante que mesmo em narrativa esta é uma das funções mais salientes de *então*).

Como se pode verificar, *então* não é um mero operador de "abertura conversacional". Se não tiver havido enunciações anteriores, o marcador não se justifica. Mais uma vez, sobressai a natureza anafórica do marcador: retomando globalmente uma situação de enunciação anterior, marca a construção de uma nova situação como ligada, apesar de disjunta.

Apontámos contextos em que *então* funciona como "sinal de continuidade discursiva" (Lopes 1996: 13, Risso 1996: 446). O próximo enunciado apresenta o marcador como sinal de fechamento discursivo:

(8) *então* até amanhã

Este enunciado é frequente como fórmula de despedida, apresentando variantes:

(8)a. *então* até um dia destes

(8)b. *então* até sempre

Mas,

(8)c. *então* até nunca mais

soaria como um exercício de non-sense.

Em (8), *então* relaciona dois momentos, duas situações: situação1 - eu, tu, aqui, agora-, situação2 - eu tu aqui amanhã. *Então* opera uma retoma global da situação1, delimita-a, procedendo ao seu fechamento, para construir de forma conexa, mas temporalmente disjunta, a abertura da situação2 (provável)<sup>5</sup>. Mais uma vez, ressalta a sua função aspectual (delimita as situações construindo-lhes a fronteira à direita) e a sua função de conector (estabelece uma "ponte" entre situações disjuntas).

Do mesmo tipo é:

(8)d. *então* hoje vamos terminar por aqui e na próxima aula falaremos de....

em que *então* retoma toda a situação, delimita-a e marca a ligação à próxima aula.

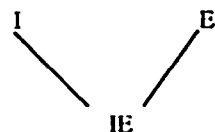
No enunciado que se segue, *então* retoma um contexto situacional que corresponde a uma situação imperfectiva, delimita essa situação para a partir do seu fechamento permitir a construção de uma nova situação:

(10) *então* essa bica sai ou não sai?

Ao pedir uma bica, peço ao meu co-enunciador que realize um acto que me coloque no interior do domínio (I) <ter bica>. Face a <não ter bica> (E) (sendo a forma *não* marcador de imperfectividade), *então* retoma essa situação e procede à sua delimitação. O fechamento da situação <não ter bica> permite "visar" de novo I <ter bica>. A interrogação é, precisamente, marcador da posição do enunciador em IE, e da

potencialidade, por parte do co-enunciador<sup>6</sup>, da validação ou não da relação predicativa (Afonso 1996: 3):

ou I (sai bica)  
ou E (não sai bica).



Concluindo, *então* retoma globalmente a situação (pedido de bica não atendido), delimita-a e marca a construção da ligação com a nova enunciação que "visa", de uma posição em ruptura (IE), I, isto é, <ter bica>. Fica claro o papel de conector do marcador.

Atentemos em (11):

(11) A: não sei que fazer em Agosto  
B: então já não vais a Marrocos?

Em (11), *então* retoma, não a enunciação de A, mas um pré-construído: a intenção de A ir a Marrocos. A mudança de planos não é partilhada pelo co-enunciador. Assim, quando A enuncia *Não sei que fazer em Agosto*, B retoma, o saber construído em outras enunciações (sendo o marcador de retoma *então*) para construir <não ir a Marrocos>, marcando *já* a saída do domínio (Campos 1997: 75) <ir a Marrocos>, e a forma *não* a construção do seu complementar lingüístico.

Nos exemplos analisados nesta secção, *então* introduz o termo que localiza (q), sem que p esteja construído (excepto em (8d) em que *então* retoma o contexto, mas igualmente todo o discurso anterior). Sendo este marcador o traço de uma operação que cabe ao co-enunciador reconstruir, é precisamente a natureza anafórica do marcador que autoriza a reconstrução, pelo co-enunciador, do termo antecedente de *então*, a partir do termo anafórico.

Enquanto marcador discursivo, *então* não aceita ser parafraseado. Não veiculando qualquer valor semântico, é um mero operador de conexão/disjunção, marcando a construção de uma nova etapa discursiva.

### 5.1 *Então* no texto narrativo

Acabámos de ver que *então*, introduzindo uma enunciação, funciona como articulador discursivo, marcando uma nova sequência discursiva. Também no texto narrativo, introduzindo um enunciado *então* funciona como articulador de diferentes sequências narrativas, de extractos de primeiro plano para extractos de segundo plano ou vice-versa.

Atentemos no exemplo seguinte:

(13) não conseguiu pescar nada e ficou pobrezinho, não tinha nada para comer. Então um dia ele estava tão apavorado... (Sousa 1996)

em que *então* relaciona as lexis <não ter nada para comer> e <estar apavorado>. A lexis introduzida por *então* possui um adverbial temporal autónomo (Campos & Xavier 1991), que é o seu localizador temporal. Possuindo q localização temporal autónoma, *então* não retoma as coordenadas temporais de p, mas as suas coordenadas discursivas. Dito de outro modo, *então* é marcador de "continuidade discursiva" entre p e q. Este é um co-texto exemplar no que concerne o papel de articulador discursivo de *então* na narrativa: ligando, de um ponto de vista desligado, dois momentos da história.

Porém, mesmo em enunciados em que q não possui localizador temporal, os valores temporais de *então* esbatem-se em detrimento do seu valor discursivo. Tal é patente em (14):

(14) há muito tempo o sal não existia depois uma família estava pobre, então um senhor morreu...(Sousa 1996)

Neste exemplo, ao marcar a transição entre o quadro da história e o enredo, a função de organizador textual de *então* é saliente. Se omitirmos *então*, não se verifica alteração da organização temporal, o que se perde é, precisamente, a tensão criada no ouvinte por *então*. A sua função de conector/disjuntor permite criar no ouvinte a expectativa perante uma nova etapa, ligada mas disjunta. *Então* participa, deste modo, da marcação da continuidade e progressão textuais. A função discursiva de *então* é, marcadamente, uma característica do oral (Lopes 1996: 12). Mas esta função não é exclusiva do oral. Na narrativa escrita, quando marca transições entre sequências narrativas ou entre momentos de primeiro plano/segundo plano ou vice-versa (as chamadas transições heterogéneas - Weinrich 1973), esbatem-se os seus valores temporais e nocionais para prevalecer o seu valor discursivo.

Nesta comunicação, demonstra-se que através da diversidade dos valores associados a *então* subjaz uma operação estável e geral que explica a "gradiência" de valores - temporais, aspectuais, nocionais, discursivos. É essa operação marcada por *então* que permite identificar o quadro de invariância subjacente à grande variabilidade de usos e valores associados ao marcador. *Então* é operador de retoma anafórica - operação de localização que se define pela retoma de localização do termo antecedente, para localizar o termo anafórico introduzido por *então*. A plasticidade do marcador permite-lhe retomar as coordenadas espaço-temporais, o quadro nocional ou o quadro discursivo do termo

anterior, para localizar temporalmente, nocionalmente ou discursivamente o termo que introduz.

## NOTAS:

<sup>1</sup> A utilização do termo marcador, mais precisamente marcador de operação, permite sublinhar o facto de os objectos linguísticos serem perspectivados como operadores (ordens para operar, traços de operações) que reenviam a operações e não a valores estáveis. Numa linguística das operações, os objectos são estudados de um modo transcategorial e só assim conseguimos uma caracterização funcional dos marcadores: apagando barreiras entre categorias.

<sup>2</sup> «Fuera del español y el portugués los demais romances han perdido el uso de TUNC, por lo menos en su valor temporal (algunas hablas alpinolombardas conservan *tonc* o *tonca*, pero con el sentido de 'pues' que tienen el fr. *Donc*, it. *dunque*, cat. *doncs*, oc. y cat. *doncas*). (Corominas & Pascual 1984: 643).

<sup>3</sup> Utilizo situação como hiperónimo das diversas classes aspectuais. No que concerne as classes aspectuais retomo a tipologia de Vendler (1967).

<sup>4</sup> Confirma-se assim o valor de aoristo apontado por Lopes 1971. Enquanto marcador aspectual, *então* retoma globalmente a situação antecedente tomando-a compacta, isto é, equivalente a um ponto.

<sup>5</sup> Saliente-se nestes enunciados a coocorrência de *até* como marcador de percurso de um intervalo temporal sem ultrapassar a fronteira à direita (Campos 1977: 127). A fronteira é marcada pelo adverbial que coocorre com *até*: *amanhã, um dia destes, sempre*.

<sup>6</sup> Interrogar corresponde, entre outras operações, por parte do enunciador ao «recurso ao co-enunciador para que este, tendo reconstruído a classe de ocorrências, se constitua em segundo e dê a resposta pedida, isto é, distinga um dos valores da classe.» Campos 1997: 88.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, A. B., 1996 - «Da especificidade de alguns enunciados interrogativos» in *Actas do XII Encontro da APL*, Braga (no prelo).
- CAMPOS, M. H. C., 1989 - *Abordagem enunciativa de um subsistema modal do português: os verbos dever e poder*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- CAMPOS, M. H. C., 1997 - *Tempo, Aspecto e Modalidade*, Porto, Porto editora.
- CAMPOS, M. H. C. & M. F. Xavier, 1991 - *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CUESTA, P. & M. A. Luz, [1971] 1988 - *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70.
- CUNHA, C. & L. Cintra, [1984] 1991 - *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, ed. João Sá da Costa.
- COROMINAS, J. & J. A. Pascual, [1980] 1984 - *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, Madrid, Gredos.
- LOPES, A. C. M., 1996 - «*Então*: elementos para uma análise semântica e pragmática» in *Actas do XII Encontro da APL*, Braga (no prelo).

LOPES, O., 1971 - *Gramática Simbólica do Português-Um Esboço*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MATEUS, M. H. M. et alia, [1983] 1987 - *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

RISSO, M. S., 1996 - «O articulador discursivo "então"» in *Gramática do Português Falado IV*, Campinas, Unicamp: 423-449.

RODRIGUES, M. H., 1994 - «Estudo de algumas ocorrências de *então*» trabalho realizado no âmbito do mestrado de Teoria do Texto, Universidade Nova (não publicado).

SOUSA, O. C., 1996 - *Construindo Histórias: Quando, então, depois, marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*, Lisboa, Estampa.

WEINRICH, H., [1964] 1973 - *Le temps*, Paris, Seuil.